



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 10, pp. 51138-51143, October, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23074.10.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

HOMENS ALCOOLISTAS E SUAS INTERAÇÕES NA FAMÍLIA E COMUNIDADE

Edméia Campos Meira*¹, Andréa dos Santos Souza², Edite Lago da Silva Sena¹, Manuela de Jesus Silva¹, Marcia Aparecida Ferreira de Oliveira³, Heloísa Garcia Claro⁴, Pamella Bispo Botelho², Larissa de Oliveira Vieira¹, Diego Pires Cruz¹ and Patricia Anjos Lima de Carvalho⁵

¹Departamento de Saúde II, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié-BA, Brasil; ²Departamento de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA, Brasil; ³Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil; ⁴Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil; ⁵Departamento de Saúde II, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié-BA, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th August, 2021
Received in revised form
28th September, 2021
Accepted 15th October, 2021
Published online 30th October, 2021

Key Words:

Alcoólicos. Interacionismo Simbólico.
Relações Interpessoais. Masculinidade.
Saúde Mental.

*Corresponding author:

Edméia Campos Meira,

ABSTRACT

Esta pesquisa objetivou compreender as interações sociais estabelecidas por homens alcoolistas no contexto familiar e comunitário, considerando a perspectiva de gênero. Trata-se de um estudo fundamentado na História Oral de Vida com seis homens alcoolistas, no interior da Bahia, Brasil. As lembranças, captadas por entrevista gravada e transcrita, compuseram o corpus de análise. As recordações dos homens produziram duas categorias temáticas: Interações sociais de homens alcoolistas no contexto familiar e Interações sociais de homens alcoolistas no contexto comunitário. Os homens demonstraram que os aspectos socioculturais e uso problemático do álcool interferiram significativamente nas interações sociais construídas ao longo da vida. O uso excessivo do álcool foi preditor para diversas consequências na rotina dos homens, como a dificuldade em manter seus respectivos papéis sociais, repercutindo com maior força na família, onde os conflitos foram recorrentes. Assim, percebeu-se a necessidade de Políticas Públicas que englobe o cuidado integral à família, compreendendo a complexidade que envolve o alcoolismo.

Copyright © 2021, Edméia Campos Meira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Edméia Campos Meira, Andréa dos Santos Souza, Edite Lago da Silva Sena, Manuela de Jesus Silva, Marcia Aparecida Ferreira de Oliveira et al., 2021. "Homens alcoolistas e suas interações na família e comunidade", *International Journal of Development Research*, 11, (10), 51138-51143.

INTRODUÇÃO

O álcool é classificado como uma substância psicoativa - SPA, utilizado em muitas culturas. O consumo problemático desta bebida está associado ao risco de desenvolvimento de doenças não transmissíveis graves, incidência de doenças infecciosas e lesões resultantes de violência e acidentes de trânsito. Além do dano à saúde, o uso do álcool tem repercussões negativas nas dimensões econômica e social. Os danos ocasionados podem ser notados para além da pessoa que bebe, alcançando os membros da família, os amigos e os colegas de trabalho e outras que convivem direta ou indiretamente com o alcoolista (OPAS/OMS, 2019). O comportamento caracterizado por consumo habitual do álcool é multifatorial, de natureza genética, psicológica e sociocultural. Nota-se no cenário brasileiro, disponibilidade e aceitação do consumo de bebida tanto no ambiente domiciliar, como em festividades públicas, sob forte influência da mídia. Os adolescentes são persuadidos ao consumo por seus pares e grupos a experimentarem bebidas alcoólicas precocemente (Benincasa et al., 2018).

É necessário oferecer atenção integral e especializada de prevenção ao consumo precoce e problemático de álcool, bem como atender às necessidades de tratamento do alcoolista e sua rede social, que também está sujeita a prejuízos. Atualmente, no Brasil, o cuidado às pessoas alcoolistas têm sido desenvolvido no campo da Saúde Mental, em conformidade com a Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e outras drogas, Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011 que institui a Rede de Atenção Psicossocial, articulada com demais serviços no Sistema Único de Saúde (SUS) existentes, como os Centros de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPSad), Unidades Básicas de Saúde e Estratégia de Saúde da Família, pautados nas diretrizes de Redução de Danos (Brasil, 2011). A partir do ano de 2015, o SUS e a reforma psiquiátrica passaram a ser alvo de mudanças radicais e de importantes retrocessos, em virtude de mudanças na gestão do Ministério da Saúde (Amarante & Nunes, 2018). Um exemplo destes retrocessos é a revisão dos valores pagos pelo SUS por leitos psiquiátricos em hospitais gerais e o aumento nos repasses financeiros às comunidades terapêuticas - CT. CT são instituições para tratamento de pessoas que tem problemas com SPAs mantidas por grupos religiosos, que

pressupõe o incentivo à abstinência da substância, mediante o seu afastamento da família e da sociedade (Brasil, 2017; Pinho, 2019). Estudos que abordam o consumo abusivo do álcool ressaltam a relevância das relações interpessoais entre alcoolistas, família e comunidade, que se mostram de formas positivas e negativas, de forma ambígua, ora como facilitadores, ora como dificultadores tanto para a iniciação do consumo, como para o tratamento (Zappe&Dapper, 2017; Rosa, 2017; Muniz et al., 2019). O consumo de álcool é um grave problema de saúde pública que produz dependência e está relacionado a aproximadamente três milhões de mortes por ano, representando 5,3% de todas as mortes no mundo. Observa-se a existência de diferenças de gênero na morbimortalidade relacionada ao álcool, assim como nos níveis e padrões de consumo de bebida alcoólica. A porcentagem global de mortes atribuíveis ao álcool entre os homens é de 7,7% comparada com 2,6% de todas as mortes entre mulheres (OPAS/OMS, 2019).

São escassas as pesquisas que abordam as interações socioculturais sob o ponto de vista do homem alcoolista, e que tomam como base a construção social de gênero. O termo gênero consiste na “maneira em que as diferenças entre homens e mulheres são inseridas nas mais diversas sociedades ao longo do processo histórico evolutivo, estando relacionado ao universo onde as inter-relações socioculturais são determinadas por fatores como leis, regras, simbologia e patriarcalismo” (Gomes et al., 2016, p. 20-21). O processo de socialização e construção das masculinidades se desenvolve em meio a condições históricas e socioculturais, em que pode ser notado o foco no modelo de família patriarcal, que se caracteriza por assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres (Gomes et al., 2016). Para essas autoras, o aprendizado do modo como se desenvolvem as relações entre homens e mulheres ocorre em instituições sociais (escolas, igrejas, famílias) que determinam comportamentos, impõe regras, valores que perpetuam a desigualdade de gênero. Remete-se ao universo masculino a superioridade, o espaço público, a virilidade, a força, a razão, a competição, a proteção e o provimento familiar. Por outro lado, a valorização social destes atributos masculinos está associada a comportamentos que os colocam em situação de risco para a violência, repressão de sentimentos e de afetos, até o uso abusivo de substâncias psicoativas, dentre elas o álcool (Gomes et al., 2016; Souza et al., 2017).

Na tentativa de aproximação entre as interações sociais e o consumo do álcool, utilizamos o pensamento que concebe os seres humanos inscritos numa matriz intersubjetiva, interativa e simbólica, que fundamenta o desenvolvimento de uma identidade pessoal. A estruturação da personalidade ocorre mediante processos de socialização e de aprendizagem (Casagrande, 2016). As premissas básicas do Interacionismo Simbólico são: os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado que elas possuem para eles; o significado de tais coisas deriva ou surge da interação social que cada um estabelece com seus semelhantes; esses significados são manuseados e modificados pelas pessoas por meio de um processo interpretativo, no trato com as coisas que elas encontrarem (Blumer, 1969). Assim, surgiu a seguinte questão de pesquisa: como as interações sociais de homens alcoolistas foram e são estabelecidas no contexto familiar e comunitário, considerando a perspectiva de gênero? Tal conhecimento favorece a reflexão sobre como se dá o desenvolvimento humano e a construção social, além de contribuir para a proposição de ações psicossociais com vistas à prevenção e redução de impactos negativos advindos do comportamento relacionado ao consumo de bebida alcoólica de modo constante, descontrolado e progressivo. Este estudo se propôs a compreender as interações sociais estabelecidas por homens alcoolistas no contexto familiar e comunitário, considerando a perspectiva de gênero.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é integrante de um macrojeto intitulado: “O sentido da memória de familiares em relação de convivência e cuidado com o alcoolismo crônico” realizado em um município do interior da Bahia, Brasil. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório,

fundamentado na História Oral Temática como abordagem metodológica. A História Oral Temática busca explorar, nas narrativas dos colaboradores, os significados, sentimentos e valores associados a um determinado assunto preestabelecido. No presente estudo buscamos conhecer as relações sociais de homens que fazem consumo nocivo do álcool com pessoas significantes em sua vida. Ainda que na história oral se recorra à memória, aquela deve ser encarada como uma história do tempo presente, tendo em vista que o passado é percebido como um *continuum* em presente inacabado (Meihy& Holanda, 2013). Os colaboradores deste estudo foram seis homens alcoolistas, identificados em um serviço CAPSad por meio da investigação do prontuário e em uma unidade da Estratégia de Saúde da Família (ESF), com o auxílio de Agentes Comunitários de Saúde. Os critérios de inclusão são: ser homem alcoolista, dependente por no mínimo dois anos; não utilizar outras drogas além do álcool, exceto o tabaco; ter 18 anos de idade ou mais; e, estar em condições para expressão da linguagem oral.

Para contextualizar o lugar de fala dos participantes, A idade dos participantes variou entre 49 e 80 anos. Cinco deles tinham mais de 60 anos. Os usuários do CAPS eram divorciados e residiam sozinhos, enquanto os usuários da ESF, eram casados e residiam com a esposa, mantendo as relações familiares. Todos apresentavam baixo nível de escolaridade e renda, sendo quatro aposentados e dois sem renda fixa. Em relação à profissão referiram ter trabalhado como motorista, bancário, comerciário, camelô e pedreiro. Todos negaram o uso de drogas ilícitas, e três declararam tabagismo. Relataram que vivenciaram o início do consumo de bebidas alcoólicas precocemente, na infância ou na adolescência. A coleta dos dados ocorreu no período entre abril e junho de 2019, por meio de entrevistas semiestruturadas, registradas em gravador digital, realizadas por duas pesquisadoras da equipe executora. As entrevistas tiveram duração média de 63 minutos. A questão norteadora foi: “Conte-me sua história de vida em relação à convivência com o álcool”. A partir dessa indagação foram extraídos os conteúdos espontaneamente recordados sobre as interações sociais significativas estabelecidas pelos homens alcoolistas ao longo do ciclo vital. Quatro entrevistas ocorreram no CAPSad e duas nos domicílios dos participantes, em local privativo conforme disponibilidade dos participantes. O processo de coleta de dados foi encerrado na sexta entrevista, quando constatada a saturação teórica (Fontanella et al., 2011). Desse modo, o *corpus* foi constituído de seis entrevistas transcritas. Para análise dos relatos adotou-se a técnica de Análise de Conteúdo, nas fases de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2011). Da análise, originou-se duas categorias: Interações sociais de homens alcoolistas no contexto familiar; e, Interações sociais de homens alcoolistas no contexto comunitário. Os participantes receberam informações sobre o estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de desenvolvimento desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob o CAAE nº 07378818.2.0000.0055, e aprovado sob o parecer nº 3.233.649/2019. Para preservar a identidade dos colaboradores utilizou-se a letra E, seguida do número correspondente a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas (E1, E2... E6).

RESULTADOS

O processo de compreensão dos depoimentos, mediante a técnica de Análise de Conteúdo, resultou nas seguintes categorias: Interações sociais de homens alcoolistas no contexto familiar; e, Interações sociais de homens alcoolistas no contexto comunitário.

Interações sociais de homens alcoolistas no contexto familiar: As lembranças evocadas pelos homens alcoolistas com relação às interações familiares deixaram explícita que desde a infância vivenciam a insuficiência de recursos financeiros para manter as necessidades básicas da família, de modo que suprimiram atividades comuns a essa etapa da vida em função da introdução precoce no mundo do trabalho e, conseqüente, garantia da sobrevivência,

autonomia e independência financeira. Por outro lado, ter recursos financeiros próprios também facilitava a compra do álcool nesta fase, conforme relatado nas falas a seguir:

Então, eu sempre trabalhei. Na minha infância, comecei a trabalhar com 13 anos; minha roupinha, meu pai já não me dava; eu já tinha o dinheiro para comprar a minha roupa, minha bebida. Então, eu fui um cara que não teve infância. E1

Eu não tive infância [...] Com 13 anos eu conheci a primeira mulher, fumei o primeiro cigarro continental sem filtro e tomei o primeiro copo de bebida, com 13 anos eu fiz logo tudo de uma vez. E4

Minha vida desde pequeno é que eu trabalhava mais meu avô. (...) depois eu saí com 11 anos de idade pra trabalhar fora, em estrada. Foi quando comecei a beber. E5

As falas dos participantes revelaram a existência de uma ideologia da reprodução geracional do trabalho exercido pelos pais ou responsáveis durante a infância, sendo perpassados pelos seus membros, resultando na continuidade do trabalho infantil em famílias de baixa renda.

[...] comecei a trabalhar com 13 anos de idade, meu pai me colocou em uma oficina mecânica, comecei a trabalhar. E4

Minha infância foi mais difícil porque meu pai trabalhava e eu também acompanhava ele. E6

Assim, conforme alguns homens alcoolistas iam retomando memórias da dinâmica do ciclo da vida, também relacionaram a morte dos seus pais e o sofrimento vivenciado pela falta deles ao aumento do consumo da bebida alcoólica.

Quando perdi minha mãe aí que ficou pior pra mim, aí que o álcool derrubou, comecei a beber mais. E4

Eu perdi meus pais, pronto! fiquei nessa vida afora, numa (em uma) bebedeira sem fim. E5

Eu comecei a beber mais, muito mais depois que eles (pais) se foram (morreram). E6

Com relação à vida adulta, enfatizaram sobre as consequências do alcoolismo no seu cotidiano e como ele foi responsável pela desestruturação da família que haviam constituído. Segundo os participantes, os conflitos e relações de maus tratos vivenciados nessa fase foram muito significativos e mobilizaram o sentimento de desagregação e, conseqüente, construção social de abandono tanto do homem alcoolista como dos demais membros da família:

Eu separei da ex-mulher [...] A gente não se deu bem mais, por conta do álcool [...]. E1

Ele [o alcoolista] chega em casa já com outra feição, diferente, não quer mais saber de nada, só quer chegar em casa valente, coisa e tal, isso, aquilo outro. E4

Chegou ao ponto de eu chegar em casa e dormir no sofá porque ela não me aceitou mais na cama, porque eu estava bebendo. E3

A relação entre o consumo do álcool e a traição conjugal também foi evidenciada como um dos principais fatores que levou à desestruturação familiar dos participantes do estudo. Nas entrelinhas, a traição conjugal estava relacionada tanto à dificuldade de gerenciamento dos recursos financeiros quanto ao rompimento familiar, apontado pelos homens alcoolistas como consequência do alcoolismo.

O negócio da minha família, eu separei porque eu larguei o certo pelo duvidoso. Larguei uma mulher guerreira pra ir pegar uma vagabunda, foi o que me acabou. E2

Eu tinha essa lá que eu estava lhe falando que eu convivi 25 anos

e tinha essa que foi a que eu casei a mãe dos meus filhos há 15 anos, era (eram) duas mulher (mulheres). E3

Tudo que eu fazia de dinheiro, eu gastava com a cachaça. E5

Eu tinha minha responsabilidade de homem e tudo. Aí pronto, eu já trabalhava, tal. Fazia meu serviço, ganhava meu dinheiro, botava no bolso e aí eu digo (dizia): agora vou gastar todo com bebedeira. E6

Os participantes do estudo relataram, ainda, que a convivência com o alcoolismo provocou crises em vários aspectos de suas vidas, sendo que as principais repercussões ocorreram no âmbito familiar, de modo que a maioria chegou na fase da velhice sem a companhia da família, conforme lembrado mediante o sentimento de solidão e abandono.

Por conta do álcool que eu não tenho família. Eu moro sozinho, só eu e Deus. Os filhos nem ligam pra mim, moram em São Paulo. Não telefona, nem nada. A gente sente falta [...]. E2

Moro sozinho. Parei [de beber] porque eu entendi mesmo, não queria beber mais, já estava com 70 e poucos anos, dei um AVC (Acidente Vascular Cerebral). Minha família me abandonou. E6

Moro sozinho. Sozinho e Deus, primeiramente Deus porque a gente não pode tirar Deus da nossa mente nunca. Mas, tenho contato com meus filhos. E3

Eu moro sozinho, na minha casa não falta nada. (...) Já achei pessoas pra morar comigo e eu não quis. E4

Apesar do distanciamento e/ou isolamento e social vivenciado após a separação conjugal, três dos participantes declararam que os (as) filhos (as) e/ou os irmãos são os principais cuidadores nessa fase, e que os familiares buscam ajuda em instituições de apoio como o CAPS ad, com vistas ao compartilhamento da responsabilidade pelo tratamento com algum familiar mais próximo, conforme relatado a seguir:

Minha filha participa das reuniões. Quando o CAPS manda o convite pra minha filha vir aqui, eu levo o papel e dou pra ela [...]. Os outros filhos também ajudam. Fulano (referindo-se à um dos filhos) mesmo, sempre ajuda. Se eu preciso ir em qualquer lugar ele leva [...]. Ele cuida muito bem de mim. Tem meus irmãos também, cuidam muito bem de mim, me dão uma força também. E1

Todo final de semana, minha filha pega a roupa que está suja, leva para casa. A moça que trabalha lá com ela bota na máquina, lava, passa ferro [...] não posso reclamar, posso? E4

Mas tenho contato com meus filhos. E3

Interações sociais de homens alcoolistas no contexto comunitário

Não obstante as interações familiares represente uma parte significativa na constituição e desenvolvimento humano, interações sociais externas estabelecidas na escola, na vizinhança, no trabalho, dentre outras, constituem-se de fundamental importância na construção de identidade do indivíduo, sendo responsáveis pela criação das principais redes de apoio para a pessoa. Nessa categoria, foram elencadas as interações sociais dos homens alcoolistas em contextos diversos ao familiar. Conforme os homens alcoolistas evocaram suas lembranças, notou-se, já na infância, a ausência ou escassez da interação social escolar em decorrência do ingresso precoce no mundo do trabalho. A ausência de lembranças sobre interações durante a vida escolar retrata a dificuldade de acesso e manutenção destes na educação formal cujos reflexos puderam ser percebidos na vida adulta quando vivenciaram dificuldades de inserção no mercado de trabalho em virtude da baixa qualificação.

Deixei até o estudo, estudei até o segundo ano do ensino científico. E4

Trabalhei em casa de autopeça, eu não estudei, então me aperfeiçoei, e foi o que eu aprendi a fazer, o que me restou. E4

Eu trabalhava de pedreiro, de encanador, com energia, não tive conhecimento para arrumar uma coisa melhor né. E3

Fui trabalhar em serviço de estrada, depois camelô, depois eu conseguir um trabalho [público]. Com o estudo pouco, foi o que consegui. E5

Eu tinha que trabalhar, aí não dava tempo de ir para escola, aí eu larguei de uma vez logo sabe. E5

Os homens alcoolistas relataram também que o consumo abusivo do álcool interferiu significativamente nas relações de trabalho desenvolvidas na vida adulta. Eles informaram que, devido à embriaguez, se ausentavam do trabalho, deixavam de cumprir atividades, sofreram acidentes e punições, como mostram os relatos:

Por conta do álcool, tomei uma regulamentação, fiquei sem ir para o trabalho uns dias. E4

Quando eu trabalhava de empregado, que eu sentia que me prejudicou (...) recebi uma reclamação (...), não fiz o que me mandaram. Se eu não tivesse bebendo eu não tinha recebido essa reclamação. E5

Teve uma vez que cai dentro do mato com a caçamba da empresa. Cachaça [...]. Se tivesse são, não tinha feito isso. E6

Não conseguir ir trabalhar. Você perde o equilíbrio de um emprego, você fica sem responsabilidade. E2

No que se refere às interações sociais dos homens alcoolistas com amigos, os entrevistados observam que as amizades influenciam muito no processo de consumo do álcool, revelando relações efêmeras e utilitárias, criados em ambientes como festas e bares, com o objetivo de compartilharem bebidas. Na concepção dos entrevistados, suas amizades influenciam negativamente seu processo saúde-doença. Em alguns momentos, isso implica em isolamento de sua rede social.

Você vai lá numa festa e tudo, toma umas, faz aquela amizade faz tudo. E2

Eu bebo mais acho que isso aí é mais influência. Muitos, não é prazer, é mais influência. Às vezes têm uma pessoa ali diferente, uma moça bonita, tem um amigo [...]. E1

Se têm uns amigos também, eu tando (estando) com dinheiro eu ofereço, aí nós bebe. E5

Na hora que eu tô (estou) com os amigo (amigos), também tomo e é onde eu falo, não posso ficar perto de quem tá (está) bebendo. A Bíblia ainda fala, se sai da roda dos escarnecedores. E3

Tem hora que meus amigo (amigos) tá (estão) lá bebendo e não posso nem encostar ali, meio de semana quando saio aqui do CAPS, coisa e tal. E4

Ando com minha turma aí, a turma de infância, a gente sempre acaba tomando umas, essa influência [...], eu tento manter distância. E6

Nos relatos dos entrevistados, há uma dialética entre a ausência de contato religioso e a busca religiosa como ferramenta para superação do alcoolismo.

Fé em Deus é a primeira coisa, na hora que alguém lhe oferecer “oh Deus, me ajude mais um pouquinho do que tem ajudado, não deixe eu beber”, e eu tenho plena convicção e certeza que Deus tá (está) presente. E4

A única pessoa que procuro pra me ajudar no momento com o negócio do álcool é somente Deus, somente peço ajuda a ele e a mais ninguém, é no deitar e no levantar. E3

Eu peço a Deus, que remédio nenhum consegue tirar o álcool da pessoa, tenho fé. E1

Um dos entrevistados relatou que frequenta a igreja quando para de beber, e que deixa de frequentá-la após a recaída.

Quando parei de beber, tava (estava) frequentando a igreja, depois que voltei a beber, parei de ir. E2

DISCUSSÃO

O estudo apresenta interações sociais significativas que influenciaram no desenvolvimento da identidade de homens que se tornaram alcoolistas. Observou-se os contextos em que essas interações se desenvolveram, numa visão dinâmica, com o olhar em direção às ações, a satisfação, os conflitos e os sentimentos em relação à família, ao longo do ciclo da vida. De acordo com as memórias dos homens alcoolistas que participaram do estudo, as interações envolvendo o trabalho na infância sempre estiveram associadas à influência de outro homem da família. Assim, confirmaram o estudo que aborda o trabalho infantil no contexto da agricultura familiar, sob a perspectiva de que o mesmo constitui uma violação de direitos fundamentais de crianças e adolescentes, na medida em que retira dos (as) menores o direito ao acesso a uma infância apropriada a sua etapa de vida (Custódio & Cabral, 2019). O uso do álcool no ambiente de trabalho configura-se como uma das principais causas de acidentes de trabalho e atrasos, na concepção dos participantes do estudo, confirmando o estudo que aponta o alcoolismo como a terceira causa de absenteísmo, sendo o motivo mais frequente de aposentadoria e acidentes (Soares et al., 2019). Segundo esses autores, além do uso do álcool no ambiente laboral trazer sérias consequências para a vida do trabalhador, interfere significativamente nas relações simbólicas desenvolvidas no meio, comprometendo assim, as interações com colegas e empregadores (Soares et al., 2019). A repercussão do uso nocivo do álcool na vida dos trabalhadores, têm feito algumas instituições desenvolverem programas preventivos com o objetivo de diminuir as interferências do alcoolismo na vida social e profissional do trabalhador, e, conseqüentemente, em sua produção (Silva et al., 2019).

Sabe-se que o ingresso precoce do homem no mundo do trabalho tem a sua sustentação nas concepções de uma herança cultural com raízes no patriarcado. Ainda na infância, o homem apreende com o seu pai a ideologia do papel social masculino para a vivência pública com o mundo do trabalho, cujo valor significativo dá sentido à sua identidade e o orienta para a proteção e o provimento das necessidades familiares (Rosa, 2017; Souza et al., 2017). Os relatos dos homens alcoolistas que participaram do estudo demonstram ambigüidades relacionadas à inserção precoce no mundo do trabalho, que envolvem, por um lado, a dificuldade do acesso deles ao emprego formal e baixa remuneração em decorrência da falta de educação/conhecimento. Por outro lado, observamos a busca do trabalho informal, na tentativa de cumprir seu papel de provedor familiar. Tal conduta, reforça o enraizamento do sentimento de masculinidade, resultante de uma cultura patriarcal, que determina que o homem trabalhe para manter as necessidades da família, mesmo quando as atividades informais sinalizam para a precarização do trabalho, retirando das pessoas seus direitos trabalhistas (Macedo et al., 2019). Nesse sentido, os participantes reforçaram a ideia de que o trabalho precoce, vivenciado na infância, constitui um sério problema social e de saúde, visto que implica em prejuízos à criança, põe em risco sua vida, sua segurança e seu bem-estar, como também o

desenvolvimento escolar, com consequência para as demais fases da vida. Assim, os depoimentos evidenciam fatores que favorecem o ingresso no trabalho infantil, a exemplo da influência cultural que naturaliza a situação, reforça mitos e dignificam o exercício da masculinidade. A construção social de identidade de gênero como um processo de aculturação ou de socialização primária se desenvolve por meio de papéis com significados valorados (Meira et al., 2017). Para as autoras, estes papéis têm como base as interações simbólicas no contexto das relações familiares que contribuem para explicitar bases do entendimento das funções que devem ser assumidas por pessoas do gênero masculino, e denotam condutas e elementos de valorização sociocultural.

As memórias dos participantes deste estudo ratificam que o uso do álcool por homens provoca crise familiar, e ratificam estudos que tratam o alcoolismo como uma doença que ultrapassa questões interpessoais e prejudicam diretamente as relações familiares (Rosa, 2017; Gomes et al., 2016). As repercussões do álcool nas relações familiares geram uma necessidade de autoafirmação do homem, a fim de manter seu poder na hierarquia familiar e reafirmar sua masculinidade, evidenciada em expressões de violência e conflitos, como observamos nos depoimentos dos participantes. O reconhecimento da relação entre necessidade de autoafirmação e violência corrobora o resultado do estudo que evidencia a recorrência deste fato, que se torna precursor para o afastamento dos membros e ocasiona rupturas familiares (Rosa, 2017). Os homens alcoolistas evidenciaram o pensamento do senso-comum de que o consumo problemático do álcool fez com que passassem a gastar todo seu dinheiro com bebidas, de modo a não conseguir garantir a manutenção dos recursos financeiros para a sobrevivência familiar, bem como evitar a ruptura das relações familiares. Ao rememorar essa ruptura, os participantes colocaram em evidência o potencial do alcoolismo para interromper o exercício do papel de chefe familiar e o poder de comando da família, geralmente, relacionado à masculinidade e outros mecanismos assegurados pela cultura patriarcal, tais como o adultério e a violência de gênero (Rosa, 2017; Gomes et al., 2016; Nogueira & Miranda, 2017).

O alcoolismo pode apresentar sérios riscos à saúde, visto que tende a se tornar crônico ao longo da vida. Diversos fatores se exacerbam quando associados à intensificação do processo de envelhecimento, como descreveu o E6, ao recordar que parou de beber porque estava com 70 anos e havia sido acometido por um Acidente Vascular Cerebral. Assim, o estudo reforçou a ideia de que o consumo de bebidas alcoólicas pelo idoso pode desencadear doenças cardiovasculares e cerebrovasculares, causando, assim, a deterioração da capacidade funcional (Costa et al., 2017). Na perspectiva de superar as dificuldades relacionadas à deterioração das capacidades funcionais e eliminar ou reduzir o consumo de álcool, os homens alcoolistas reconhecem no familiar, principalmente na prole, o apoio necessário, corroborando o estudo que mostra que as interações familiares que se desenvolvem ao longo do tempo evidenciam a aprendizagem de valores simbólicos que expressam sentimentos como amor, respeito e são constituídos de uma boa consciência (Meira et al., 2017). Segundo as autoras, a boa consciência permeia o cuidado entre os membros da família e orienta para a proteção e cuidado do pai que vivencia o alcoolismo crônico em todas as fases da vida, sobretudo na velhice. Nessa fase da vida, muitos participantes relataram sentir falta dos filhos, a sensação de abandono e a disposição para abster-se do álcool, caso fosse possível amenizar o isolamento e distanciamento social, principalmente no contexto familiar. O cuidado familiar na velhice baseia-se na lógica da intergeracionalidade - a tradição familiar de retribuir aos idosos os cuidados oferecidos ao longo de sua vida. Além disso, esse tipo de cuidado, geralmente, está associado à figura feminina, o que demonstra o papel sociocultural assumido pela mulher por gerações (Aguilar et al., 2017).

Ao mesmo tempo que as memórias dos homens alcoolistas apontam para relações familiares marcadas por incongruências, que podem ocasionar desestruturação e distanciamento familiar, acarretando prejuízos até a velhice, demonstra o papel significativo da família

para o alcoolista, visto que sentir-se apoiado é condição imprescindível ao tratamento. Nesse sentido, os serviços que compõem a RAPS, como o CAPS ad, desempenham um importante papel na medida em que contribuem para a melhoria das relações familiares e sociais do indivíduo (Belotti et al., 2017). Com relação ao contexto social, as falas dos participantes mostram a influência de amigos como o maior motivo para o início do consumo do álcool, confirmando os resultados da pesquisa realizada com estudantes do ensino médio de São Paulo, que evidencia o senso de aceitação social, identificado como um fator que influencia muitos homens a utilizarem bebida alcoólica ao longo da vida (Benincasa et al., 2018).

Apesar das evidências da forte influência de amigos e familiares para o uso do álcool, um estudo desenvolvido no CAPSad em Maringá – PR mostrou que esses atores sociais também podem ser responsáveis por influenciar na busca pelo tratamento (Paiano et al., 2019). Para essas autoras, a participação ativa de familiares e amigos apresenta-se como um importante mecanismo de incentivo ao processo de reabilitação dos usuários, que deve contar com o apoio de profissionais de saúde, mediante a oferta de serviços de qualidade e cuidado acolhedor (Paiano et al., 2019). O estudo mostra ainda que a importância da fé, da espiritualidade, no tratamento do alcoolismo, “no cair e no levantar” (E3), enquanto a religiosidade está sempre atrelada à abstinência. Assim, corrobora resultados de uma pesquisa realizada com usuários de um CAPSad que objetivou identificar mecanismos de influência da religiosidade e espiritualidade na vida dos mesmos, e evidenciou a influência positiva desses indicadores como um fator protetor para o consumo de álcool em âmbito preventivo, para o conforto em situações de abstinência, para ter força para cuidar da saúde, e promover mudanças de comportamentos e atitudes que servem como apoio adicional ao tratamento (Zerbetto et al., 2017).

CONCLUSÃO

As interações familiares e sociais dos homens alcoolistas, compreendidas na perspectiva de gênero, foram influenciadas por aspectos socioculturais. Desde a infância, essas interações contribuíram para a construção de identidades e aprendizagens relacionadas aos papéis e funções sociais que os levaram à introdução precoce no mundo do trabalho e ao uso abusivo do álcool, o que parece estar vinculado à construção do papel do “masculino” na vida dos entrevistados. Na fase adulta e velhice, esses comportamentos repercutiram de forma negativa na vida dos homens. Se por um lado, o alcoolismo trouxe consequências para as rotinas familiares, desencadeando, inclusive, desestruturação e rupturas; por outro, prejudicou as interações dos homens na comunidade. O ingresso precoce no mundo do trabalho paralelo à iniciação do uso de álcool parece ter contribuído para a evasão escolar, que, como em uma via de mão dupla, prejudicou a interação com colegas escolares, a construção de vínculos afetivos e amizades benéficas, além de interferir no ambiente laboral, causando acidentes e absenteísmo. O uso excessivo do álcool parece ser preditor de consequências na rotina dos homens, como a dificuldade em manter seus respectivos papéis sociais, repercutindo com maior força na família, onde os conflitos foram recorrentes. Sendo assim, percebe-se a necessidade da efetivação de Políticas Públicas que preconize o cuidado à família como um todo, compreendendo a complexidade que envolve o alcoolismo.

O estudo faz ver a importância da enfermagem, em conjunto com a equipe multiprofissional, para a realização de busca ativa de possíveis consumidores habituais e dependentes, a fim de promover orientações e escuta qualificada em serviço, sobretudo em Unidades Básicas de Saúde, visto que nesse âmbito há um contato mais próximo com o contexto familiar, tanto geográfico quanto afetivo. A equipe interdisciplinar e a sua reunião de saberes para a elaboração do Projeto Terapêutico Singular do alcoolista dentro da RAPS é imprescindível para a garantia da integralidade do cuidado, que deve levar em conta todas as necessidades do usuário – sobretudo no que se refere às questões de gênero e sofrimento psíquico que, com

frequência, estão associadas ao consumo problemático de SPAs. Este estudo contribui com a literatura científica recente sobre a convivência de homens alcoolistas com as repercussões do álcool em suas vidas, especialmente por tomar como base a construção social de gênero. Por fim, sinaliza como uma limitação a dificuldade no diálogo com estudos internacionais que apresentem o tema sob a perspectiva de culturas diversas da brasileira – o que sugere a necessidade de novos estudos para o aprofundamento do tema.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, A. C. S. A., Menezes, T. M. O., & Camargo, C. L. (2017). Significado do cuidar de pessoas idosas sob a ótica do familiar: um estudo interacionista simbólico. *Revista Mineira de Enfermagem*, 21, 1-7. DOI: 10.5935/1415-2762.20170014
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 70ª ed. São Paulo.
- Belotti, M., Fraga, H. L., & Belotti, L. (2017). Família e atenção psicossocial: o cuidado à pessoa que faz uso abusivo de álcool e outras drogas. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/ Brazilian Journal of Occupational Therapy*, 25(3), 617-625. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR0988>
- Benincasa, M., Tavares, A. L., Barbosa, V. M. M., Lajara, M. de P., Rezende, M. M., Heleno, M. G. V., & Custódio, E. M. (2018). A influência das relações e o uso de álcool por adolescentes. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 14(1), 5-11. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.00035>
- Blumer, H. (1969). *Symbolic interactionism: perspective and method*. London: University of California Press. London, England.
- Brasil. (2011). Ministério da Saúde. Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e outras drogas, Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Portaria nº 3.588/GM, de 21 de dezembro de 2017. Altera as portarias de consolidação no 3 e nº 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a rede de atenção psicossocial, e dá outras providências. (sessão 1). https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588_2_2_12_2017.html
- Casagrande, C. A. (2016). Interacionismo simbólico, formação do self e educação: uma aproximação ao pensamento de G. H. Mead. *Revista Educação e Filosofia*, 30(59), 375-403. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p375a403>
- Costa, I. P. da, Oliveira, F. K. S. de, Pimenta, C. J. L., Almeida, M., Moraes, J., & Costa, S. (2017). Aspectos relacionados ao abuso e dependência de álcool por idosos. *Revista de Enfermagem*, 11(6), 2323-2328. 10.5205/reuol.10827-961111-1-ED.1106201710
- Custódio, A. V., & Cabral, M. E. L. (2019). Trabalho Infantil na Agricultura Familiar: Uma Violação de Direitos Humanos Perpetuado no Meio Rural. *Revista Técnico - Científica*, 1(2), 4-5. ISSN: 2596-3384
- Fontanela, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(2), 389-394. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>
- Gomes, R. N., Balestero, G. S., & Rosa, L. C. F. (2016). Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para construção emancipatória. *Revista de Pesquisa em Direito*, 2(1), 13-34.
- Macedo, A. R., Costa, F. T. B., & Justo, J. S. (2019). O Mototaxista no Mundo do Trabalho: Precarização, Desemprego e Informalidade. *Revista Subjetividades*, 19(1), 1-15. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e7257>
- Meih, J. C. S. B., & Holanda, F. (2013). *História Oral: como fazer, como pensar*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.
- Meira, E. C., Reis, L. A. dos, Gonçalves, L. H. T., Rodrigues, V. P., & Phillipp, R. R. (2017). Vivências de mulheres cuidadoras de pessoas dependentes: orientação de gênero para o cuidado. *Escola Anna Nery*, 21 (2), 1-8. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170046>
- Muniz, K. R. de A., Xavier, A. R., & Santana, J. R. (2019). O uso abusivo de álcool e as heranças transgeracionais no âmbito familiar. *Interdisciplinary Scientific Journal*, 6 (3):140-158. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/725>
- Nogueira, C. G. de M., & Miranda, M. H. G. (2017). A (re)produção das masculinidades hegemônicas: homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. *Revista Interterritórios*, 3 (5). <https://doi.org/10.33052/inter.v3i5.234444>
- Organização Pan-Americana de Saúde. Organização Mundial de Saúde. (2019). Folha informativa – Álcool. Atualizada em janeiro de 2019.
- Paiano, M., Kurata, V. M., Lopes, A. P. A. T., Batistela, G., & Marcon, S. S. (2019). Fatores Intervenientes na Adesão ao Tratamento de Usuários de Drogas Atendidos no Caps-Ad. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 11(3), 687-693. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i3.687-693>
- Pinho, L. (2019). Saúde mental: contra-reforma? *Radis – Comunicação em Saúde*. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/noticias/saude-mental-contra-reforma>
- Rosa, C. R. (2017). O álcool e a violência doméstica: efeitos e dramas. *Revista VirtuaJus*, 13 (1), 243-269. ISSN: 1678-3425
- Silva, N. B., Ferreira, M. L., & Sartes, L. M. A. (2019). Características sociodemográficas e psicossociais de trabalhadores relacionadas ao uso de álcool. *Revista HU*, 45(2), 140-147. <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2019.v45.16917>
- Soares, L. S., Silva, M. P. M., Rocha, R. C., Silva, G. R. F., Nogueira, L. T., & Figueiredo, M. L. F. (2019). Padrão de consumo de álcool entre trabalhadores de um colégio técnico agrícola: estudo transversal. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 9 (2), 1-16. <https://doi.org/10.5902/2179769226945>
- Souza, M. D. F. Altomar, G., & Manfrin, S. H. (2019). A construção social da masculinidade. *Revista Revolução na Ciência*, 13 (13). ISSN 21-76-8498
- Zappe, J. G., & Dapper, F. (2017). Drogadição na Adolescência: Família como Fator de Risco ou Proteção. *Revista de Psicologia da IMED*, 9 (1), 140-158. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1616>
- Zerbetto, S. R., Gonçalves, M. A. S., Santile, N., Galera, S. A. F., Acorinte, A. C., & Giovannetti, G. (2017). Religiosidade e espiritualidade: mecanismos de influência positiva sobre a vida e tratamento do alcoolista. *Escola Anna Nery*, 21 (1), 1-8. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170005>
